

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A RADICALIDADE DO RESTO E OS EFEITOS DO MAL-ESTAR

HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO

Psicólogo, psicanalista, com mestrado em Ciências de La Religión - Universidad Pontificia Comillas Madrid (1995) e doutorado em Psicologia - Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos - pela Universidad Pontificia Comillas Madrid (1997). Pós-doc em andamento no CNRS - CERMES3 - CESAME - Université Paris V - Sorbonne (2010-2011). Professor Titular da Universidade de Fortaleza. Pesquisador Associado do LIPIS.

RAFAEL LOBATO PINHEIRO

Psicólogo Clínico. Mestrando em psicologia pela Universidade de Fortaleza. Membro do Labio e bolsista FUNCAP.CE.

Resumo: O resto emana de toda e qualquer operação simbólica realizada pelo sujeito. É ao mesmo tempo o que o causa e o que mutila o projeto de completude. Os efeitos desta operação são percebidos em todo movimento realizado em direção ao campo do laço social. Este trabalho esboça a importância do resto enquanto um conceito que expressa a radicalidade do sujeito diante o mal-estar que lhe acompanha a partir do campo da linguagem. O ser da linguagem é o ser do sentido, mas também o ser da finitude. Estas afirmações podem ser tomadas na atualidade a partir dos lançamentos que o cinema vem protagonizando com as imagens da hiper-realidade do terror que irrompe o doméstico. A intenção é trazer à discussão, a magnitude do resto como um conceito fundamental da psicanálise e sua iniludível presença nas ações dos discursos e da técnica que tentam aprendê-lo a todo custo.

Palavras-chave: resto, mal estar, imagens de terror

THE RADICALISM OF REMAIN AND THE MALAISE EFFECTS

Abstract: The remains derives from any symbolic operation performed by the subject. It is both what causes it and what also destroys any project of wholeness. The effects of such operation are seen in every movement toward the realm of the social tie. This paper outlines the importance of the rest as a concept that expresses the radicalism of the subject before the malaise that accompanied him as a result of being trespassed by the language. The being of language is the being of the sense, but it also the being of finitude. These statements are exemplified nowadays by the new releases from the movies with images of hyper-reality of terror that break through the known and familiar world. The intention is to bring to the discussion the magnitude of the rest as a fundamental concept of psychoanalysis and its inescapable presence in the actions of the discourses and technique which try to apprehend it at all costs.

Keywords: remains, wholeness, images of terror



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

“e haverá outro modo de salvar-se? Senão o de criar as próprias realidades? Tenho força para isso como todo o mundo- é ou não é verdade que nós terminamos por criar uma frágil e doida realidade que é a civilização?”

CLARICE LISPECTOR

“Um Sopro de Vida”

O mais novo lançamento hollywoodiano “Skyline” (2010) mostra uma metrópole norte-americana sendo invadida, novamente, por extraterrestres. Os extraterrestres surgem como grandes luzes brilhantes e todo aquele que olha diretamente para a luz azul é imediatamente abduzido; o horror toma conta da cidade de Los Angeles. O cinema nunca se cansa de repetir esta cena na qual um monstro invade a realidade humana revelando quão frágil é tudo isso que construímos como civilização. O cinema constantemente destrói e reconstrói as grandes metrópoles, símbolos de nosso processo civilizatório. Esta tendência à repetição no cinema parece demonstrar que o mundo civilizado caminha constantemente sobre uma corda muito fina entre o humano e o inumano; a natureza alienígena que também constitui o mundo humano. “*O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem- uma corda sobre o abismo*”, para citar Nietzsche (2003, p.27). Esta fina corda oscila todos os dias nas tensões sociais demonstrando a impossibilidade de domesticarmos a pulsão.

Freud no Mal-estar na Civilização (1930/2010) afirma que o preço do progresso cultural é a perda da felicidade. Mesmo assim, este tem sido o anseio do homem desde os tempos mais antigos; a novidade em Freud é que ele elevou a “busca pela felicidade” a um



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

princípio básico do aparelho psíquico humano. Lacan (1986/ 2008) demonstra que esta é uma questão fundamental, pois subscreve a inadequação radical do aparelho psíquico à realidade. O Mal-estar na civilização (1930/2010) permanece sendo um autêntico texto metapsicológico no qual Freud dá passos decisivos acerca da estrutura do aparelho psíquico humano e as vicissitudes da pulsão, conceito sobre o qual Freud faz substanciais avanços ao dar ao conceito de pulsão de morte um estatuto fundamental para a Psicanálise. Assim, desde o início, Freud coloca a questão da felicidade como um ideal impossível de ser plenamente alcançado como um *ethos* platônico de bem supremo que povoa os ideais humanísticos. Desta forma, Freud esclarece mais ainda seu conceito de realidade psíquica como aquela que nos dá uma satisfação obtida por meio do que em psicanálise conhecemos como fantasia.

Discutir a noção de Resto é de suma importância para a teoria psicanalítica no que concerne ao processo de hominização e subjetivação do homem como um animal que fala, e por isso, desnaturalizado, pois tem seu mundo mediado pela linguagem. Na medida em que o mundo humano é estruturado em palavras, é na linguagem e seus avatares que precisamos buscar sua significação e este é o campo de estudo da psicanálise (Lacan, 1991). O homem, finalmente ferido pela linguagem *auto engendra* sua própria morte; a linguagem enquanto tal porta com sua aparição a inexorável morte do ser (Carneiro, 2001). Se é que podemos falar de uma ontologia psicanalítica, ela só se sustenta como uma negatividade ontológica, pois “*o que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda*” (Lacan, 1964/1988, p. 36). É somente por esta estrutura evanescente que na forma do Resto mostra sua pregnância que podemos compreender a noção de sujeito em psicanálise.

Esta inclusão na linguagem, portanto, não é sem consequências já que o homem está inserido na lógica do significante por meio de uma divisão – natureza/ cultura- trazendo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

como resultado uma perda fruto deste corte. Neste sentido, a passagem do homem da organização da vida instintiva para o registro pulsional implica numa perda que precisa ser investigada. Isto quer dizer que a pulsão só se apresenta para a consciência por meio de uma referência às representações de objeto (Safatle, 2006). O resto desta operação só pode ser o mal-estar, isto é, a angústia que certamente não é sem objeto. Seu objeto é difuso e elusivo; uma clara referência ao resto como objetivo de nosso estudo. Freud deixa claro que nossas possibilidades de encontrar um objeto que nos dê a felicidade estão limitadas por nossa própria constituição psíquica (Freud 1930/2010, p. 31).

Há algo na estrutura humana que conspira contra o estado de completude ao qual chamamos de felicidade. Freud (1930/2010, p. 40) ressalta mais uma vez que “*a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo*”. Se de fato a questão do mal-estar está nesta dimensão econômica, interessa-nos investigar justamente este erro de cálculo que tal perda faz ver na figura do Resto. As formas deste Resto na psicanálise e os efeitos desse resíduo para a constituição estrutural do sujeito é de grande interesse para a clínica psicanalítica atual.

Se a inserção do homem na linguagem, ou seu atravessamento por ela, lhe feriu mortalmente e para sempre, contudo, abriu-lhe um caminho sublime, ainda que trágico, para responder à questão que este Resto lhe coloca constantemente: “*o que você fez da palavra que lhe fez ser um falante?*” (Didier-Weill, 1997. p.34). Carneiro (2007) em sua leitura do mito de Narciso explica que o mesmo morre ao passar pela morte simbólica que lhe possibilita alcançar à palavra. Marcado pela linguagem, Narciso passará o resto da existência sempre em busca de um novo sentido para si, servindo como belíssimo exemplo ao nosso processo de hominização.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Conseqüentemente, o Resto como conceito aponta para aquilo que Lacan (1986/2008) no Seminário VII tratou como a ética da psicanálise no sentido de investigarmos quais as formas que o sujeito busca para alívio de seu sofrimento na cultura da qual faz parte. É de fundamental interesse para a clínica psicanalítica o estudo sobre os efeitos da existência desta fissura no humano, desse Resto, como algo inaceitável a uma cultura pautada pelas invisíveis leis do mercado.

A presença do Resto - como presença da ausência - surge como um grande acinte a nossa competência. Ciência e ficção se misturam hoje numa sociedade que confronta diariamente o humano com *híbridos tecnoculturais* (Tadeu, 2009, p.10). A engenharia genética e os avanços da medicina põem em cheque toda ontologia do humano, isto é, coloca uma questão incômoda sobre a natureza do humano. O Resto como forma do humano pode ser a última fronteira a ser apreendida na crescente promiscuidade entre o homem e a tecnologia. Neste sentido, pode dizer que o discurso tecnocientífico procura materializar este vazio por meio dos artefatos oferecidos para eliminação do sofrimento humano. O que se percebe patente na contemporaneidade são variados discursos--medicina, psicologia, psiquiatria-- cooptados pela soberana tecnociência, verdadeiros ortopedutas psíquicos aptos a suturar esta hiância que chamamos Resto. Os “avanços” da ciência geraram um discurso híbrido que, nem é mais a ciência – que ainda carregava em si um estatuto de Saber – nem é somente tecnologia. Temos agora em sua mais desafiadora eficácia, uma “tecnociência”, na qual não só há uma exclusão do sujeito dividido entre o saber e verdade, mas ela mesma se coloca no lugar onde deveria haver espaço para a construção da verdade do sujeito. Este espaço intermediário, incognoscível só podemos dar o nome de Resto. O saber tecnocientífico carrega consigo o sabor de Verdade privilegiando o artifício tecnológico e a engenharia genética na busca pelas origens desse sujeito. Verdade esta promulgada pelo sentimento de onipotência que o discurso tecnocientífico



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

oferece ao homem (Pinheiro & Carneiro 2009). O que a tecnociência coloca contra parede não é somente a natureza do humano, mas sua originalidade. Qual a originalidade do humano? (Tadeu, 2009).

Seduzidos pela oferta de felicidade instantânea proposta pela tecnociência vivemos numa sociedade fascinada pelo Resto e obcecada por reciclá-lo a todo custo. O direito a ser feliz é reivindicado a todo custo (Lebrun, 2008). O que os discursos tecnocientíficos oferecem ao sujeito é exatamente apreender isto que nos atravessa constantemente, a pulsão de morte. O que é a pulsão de morte senão a própria linguagem que nos hominiza? É exatamente pela pulsão de morte como princípio de destruição, de criação que podemos sair de um estado inicial de narcisismo primário original. (Freud, 1920/2007a).

Os efeitos da apreensão do resto refletem nas contradições do sujeito e sua relação dialética com a cultura, isto é, quanto mais o sujeito é colocado numa posição de soberania e onipotência, mas ele rejeita as evidências do inconsciente. Entretanto, a consequência disso é que quanto mais ele pretende ignorar o inconsciente, mais é ele assombrado pela insistência deste vazio que também lhe constitui (Kehl, 2004). Esta recusa tem a consequência de um retorno deste manifesto numa fixação, ou como denominamos, uma *fascinação* pela morte no sentido de apreendê-la e anular seus efeitos.

Assim, resgatar o lugar desta perda nos “restos humanos” formativos da estrutura psíquica implica em estudar este vazio que constitui o cerne do *ser* humano. As formas como cada sujeito se posiciona frente aos restos que resvalam nos sinalizam o lugar onde podemos apontar qualquer possibilidade de singularidade (Lebrun, 2008).

RESTOS, VAMPIROS E PULSÃO DE MORTE



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A descoberta do inconsciente e seus efeitos foram e são, sem sombra de dúvida, a grande originalidade da psicanálise. Freud descobriu que nossa vida psíquica existe justamente ali onde não sabemos ou não temos controle. Aquilo que nas histéricas escapava ao conhecimento médico foi o que chamou a atenção de Freud: essa hiância entre o que se diz e o que se quer dizer, marca do que conhecemos hoje como sintoma. O vazio que marca o humano vai contra qualquer possibilidade de ser apreendido, exemplo disso é a impossibilidade de totalmente apreendermos o desejo do outro marcando para sempre a distância entre a linguagem e o real, entre o que se diz e o que se entende.

A noção de que o vazio suposto pela linguagem implica que no cerne de qualquer possibilidade de uma ontologia do sujeito está uma negatividade implícita e que fugir disso é lutar contra a subjetivação do homem. O preço que pagamos por falar é seremos habitados por este vazio, pelo negativo e pela ausência (Lebrun, 2008). A crise de legitimidade simbólica que aflige a contemporaneidade produz um sujeito que parecer resistir a consentir na perda deste resto impossível de ser totalmente apreendido. A promessa de felicidade imediata, tão presente nos discursos tecnocientífico e capitalista, é uma tentação para um sujeito que já nasce evitando a dor de ser submetido a um limite de gozo. Segundo Lebrun (2008) este *neo-sujeito* está muito mais inclinado a instaurar uma denegação da castração, ou como ele mesmo denomina um — “sei bem, mas, mesmo assim”, posição tipicamente perversa.

Assim, podemos dizer que tempos regidos por discursos que pretendem burlar as leis da fala e da linguagem criam uma confusão muito ameaçadora para o sujeito, quando à descontinuidade instaurada nele pelo simbólico instala-se uma continuidade. Esta tentativa de reciclagem do Resto pode se dar tanto pelo consumo dos objetos ofertados como semblantes desta promessa ou mesmo nos novos tipos de laços sociais que privilegiam a imagem de um Eu mais investido eroticamente do que nunca. Sempre uma oferta de completude na ordem do imaginário. Num quadro como este, o novo homem que pode



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

emergir é alguém visitado constantemente por esta parte residual que, em não se deixar apreender gera uma verdadeira fascinação. Uma sociedade fascinada em reciclar este excesso residual não visitado pela palavra corre o risco de permanecer, pois, num silêncio mortífero e sem sentido.

Não é de causar estranheza então, que o cinema e a literatura mundial têm sido invadidos por histórias de zumbis e vampiros que fascinam jovens e adolescentes no mundo todo. Zumbis e vampiros são personagens que habitam no limiar da vida e da morte; são aqueles que nunca morrem. A fascinação por estas figuras mitológicas pode ser um sintoma daqueles que não parecem mais atingidos pela ferida mortífera que é a linguagem, e em ultima instância, pela pulsão de morte. Os efeitos mortíferos da fala ficam congelados por este culto inebriante e fascinante à pulsão de morte na face mórbida e pálida de uma juventude que tem como novos ídolos figuras mortas em vida. Fala-se muito em sociedade narcísica ou individualista, entretanto, talvez nunca tivemos tão pouco espaço para a autêntica singularidade. Capturar o Resto seria evitar a angústia criativa de saber fazer algo com o Real. Lebrun (2008, p. 64) explica que

É precisamente ali onde essa perda aconteceu que cada um poderá ser da maneira mais singular, sujeito. Logo, a surpresa é dupla: porque fica claro que é o vazio que constituiu o cerne do nosso ser, e em seguida que é no lugar onde- e na maneira como- o sujeito se arrimou no vazio que jaz a sua singularidade.

Lacan (1964/1988, p. 186) expõe de maneira absolutamente enigmática o mito da lâmina. Esta figura mítica apresentada no Seminário XI representa a libido enquanto *pura vida*; indestrutível e simplificada. “*É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada*”. É exatamente a esse “isso” que todas



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

as formas do objeto *a* vem representar. A lâmina pode ser compreendida também como a libido bruta não sexualizada que permanece sempre a apontar para a perda de uma posição para sempre perdida do homem. *O mais profundo objeto perdido*, nos termos de Lacan (1964/1988, p. 187). A tentativa de recuperar o Resto perdido pelo homem é uma constante no processo civilizatório como uma verdadeira entropia necessária ao processo mesmo.

Esta tentativa, podemos vê-la na fixação dos jovens pelos citados filmes vampirescos. A figura do morto-vivo; lânguido e pálido que mesmo sem a qualidade de ser sensual, seduz e apaixona por algum traço enigmático. Que figura melhor para representar a fascinação de uma sociedade na tentativa de reciclar a implacável perda? O morto-vivo é aquele que nunca morre, que depois de um tiro se levanta, capengando, mas continua a atormentar os vivos.

Na tão aclamada saga Crepúsculo, trilogia lançada em 2008, Edward é um vampiro que, mesmo enamorado pela mortal, se recusa durante dois capítulos da saga, a fazer sexo com sua amada. Seu alibi é o medo de transformá-la em morta-viva. Podemos, entretanto, a título de especulação teórica, inferir que o vampiro reluta em perder sua posição de ser morto-vivo, assexuado. Reluta em ser apreendido pela morta. A garota humana, por sua vez, sente-se fascinada por aquela figura mortífera que pode, finalmente, levá-la ao outro lado do gozo- a transformação do humano. A tal ameoba que Lacan cita no Seminário XI está *além do princípio do prazer* que rege os seres humanos sexuados. Aquilo que encontramos como pré-sexuado não pode ser outra coisa senão a pulsão de morte, silenciosa e insistente. O Resto agora se apresenta na forma da pulsão de morte como esse elo nunca desnaturalizado que liga o homem a sua posição pré-subjetiva, sempre mítica, mas não menos insistente como símbolo daquilo que Lacan nos diz do real: *que ele não cessa de não se escrever*.

Os ataques sofridos pela Psicanálise oriundos de variados discursos na atualidade reafirmam que o sexual sempre é problemático para os homens, pois é uma doença



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

mortífera pelo qual precisamos passar a fim nos reproduzir. A tentativa de colocar em cheque a eficácia clínica da Psicanálise coincide com um mundo para o qual o *sujeito*, tal como o conhecemos, o sujeito desejante, é um *resto* a ser descartado; estorvo à sociedade de mercado. O filósofo Christoph Türche (2010, p. 127) afirma que uma sociedade de mercado, para o seu próprio funcionamento “*depende cada vez menos de relações sexuais tradicionais fixamente ordenadas, mas tanto mais da irradiação de sequências de imagens semelhantes a sonhos*”.

A psicanálise porta assim uma subversão constante no seio da cultura-- o sujeito do inconsciente como aquele que escapa constantemente a uma decifração absoluta permanece como a mola propulsora de nossa espécie em sua mais imperiosa vocação para sermos os nômades da palavra. Retirar a eficácia clínica da psicanálise é roubar muito de sua força de insistência com o caráter inapreensível do desejo humano.

Esta parte maldita que em nós habita na figura do Resto é exatamente aquilo que nos singulariza como humanos já que ele sempre continua a evocar novas nomeações movimentando o sujeito criativamente para dar conta desta angustia. O fato do Resto não desaparecer lança-nos o desafio de avançar em novas pesquisas que articulem os novos laços sociais que estão surgindo com os novos discursos dominantes, referência de produção de novas subjetividades, definindo assim os desafios para a psicanálise hoje e quais respostas podemos dar aos sintomas de sofrimento psíquico do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carneiro, H.F. (2001). Mal-estar e Resto. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 1(1). 43-56.
- Carneiro, H. F. (2007). Que Narciso é esse?: Mal-estar e resto [e-book]. Fortaleza, CNPq. Disponível em: <http://www.cnpq.br/cnpq/livroeletronico/index.html>
- Freud, S. (2007a). Além do princípio de prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das letras. (Originalmente publicado em 1930)..



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- Kehl, M.R. (2004). Civilização partida. In: A. Novaes (Org). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das letras.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (originalmente publicado em 1986).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1991). *O seminário. Livro 17: O Averso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).
- Lebrun, J. P. (2008). *A Perversão Comum: viver junto sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nietzsche, F. (2003). Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret.
- Pinheiro, R.L & Carneiro, H.F. (2009). As Falácias de Eliminação do Sofrimento e seus Efeitos Subjetivos. *Revista Psico*, 40 (2), 245-252.
- SAFATLE, Vladimir. (2006). A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, v (36), p.150-191.
- Tadeu, T. (2009). Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: D. Haraway; H. Kunzru; T. Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica (Mimo).
- Türcke, C. (2010). *Filosofia do Sonho*. Injuí: Editora Injuí.

Recebido: 15/02/2011

Aceito: 10/03/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br